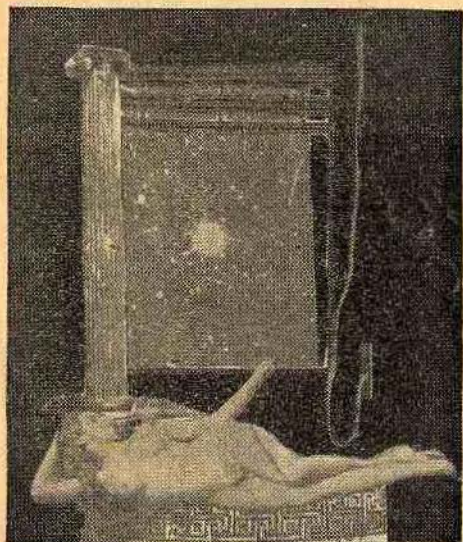


Porque se há uma coisa que para nós encarne o surrealismo, é a juventude, a juventude forçada a seguir os conselhos dos velhos, dos infames velhos que não contentes de nos legar a memória de duas guerras, um mundo corrompido e a perspectiva duma terceira matança, levam a impudência ao ponto de nos querer ensinar quem vive e quem morre. Creio que nós estamos melhor colocados do que eles para saber quem vive. A isso não deixaremos pôr a palavra «film» tão depressa.

(lógica de Jean-Louis Bédouin)



máximo lisboa

ICONOCLASIA

Atacar a juventude, quer esta seja a que anavalha os quadros nas exposições, quer seja aquela que ali os dependura, permite, muito curiosamente, uma idoneidade reconfortante, criada, e creio, intencionalmente, por uma multidão de pseudo-moralistas predispostos a um jogo que se apresenta agradável, fácil e conveniente. A este propósito é sintomático o uso fácil de certos vocábulos simplistas, dos quais poderemos enumerar, senão quisermos procurar outras atribuições atiradas à cara de quem está ou de quem passa, o de "iconoclasta" e o de "teddy-boy".

A preocupação que se me apresenta perante estes conceitos, ou falsos anexins, é meramente aquela que diz respeito às consequências imediatas resultantes do abuso de afirmações indevidas e ilegítimas. Não obstante, apesar da nossa isenção frente às esferas pró-contra-juventude, entendo ser dever de cidadania começar a preocupar-mo-nos quando se fala de repressões. Aliás porque, pensava eu, não ser já assunto de opinião esse de uma juventude acrisolada pela actual conjuntura internacional: duas guerras em menos de cinquenta anos, a iminência de uma terceira (com a impudícia dos responsáveis citando engenhos nucleares para a destruição do homem) a falta de esperança, a carência de fé, a inexistência de mitos, o sentimento de ludíbrio, entre um milhão de cousas repetidas desde Vladivostoque até o planalto da Patagónia.

Lisboa, preferindo, talvez, dizer "Não" ao mundo culto aproveita o aparecimento de automóveis danificados, ou cousa semelhante, e exige, através de todos os meios - resmungando ou enviando cartas para os directores dos jornais - prontas e imediatas repressões policiais.

notícia

Neste número, Pirâmide, apresenta colaboração inédita de Edmund de Betten-court, Manuel de Castro, Henrique Lima Freire, Renato Ribeiro, Máximo Lisboa, Carlos Loures e Alfredo Margarido. Inéditos são também os poemas de Rodolfo Alonso, Angel Crespo e Llorenç Vidal, bem como a tradução do texto de Lévesque sobre A. Jarry.

Os trabalhos assinados são de exclusiva responsabilidade dos autores.

No próximo número (no prelo): Maria Helena Vieira da Silva, Maria Rosa Colaço, Natália Correia, António José Forte, José Manuel Simões e Isidore Ducasse (Comte de Lautréamont).

PIRÂMIDE N.º 3

antologia

DEZEMBRO • MIL 960 • ANO II
CADERNOS DE PUBLICAÇÃO NÃO-PERIÓDICA, COORDENADOS POR CARLOS LOURES e MÁXIMO LISBOA

Os jovens - é uma informação que aceitamos da pedagogia - habitam um mundo que não foi feito para a sua natural generosidade. Reagir como desorientados, quase como psicopatas, é perfeitamente justo numa sociedade desorientada que começa por desconhecer os mais primários valores. Parece-me, por isso, arbitrário e anacrónico querer resolver pela violência uma situação ético-religiosa. Parece-me, repito.

Seria, entretanto, muito curioso revelar que uma boa parte (a maior?) das pessoas que formulam tais exigências se recrutam entre os indivíduos que se intitulam a si-mesmos de "democratas", "progressistas", "vanguardistas". E se não fora pouco o espaço, eu lembraria aos leitores do "Jornal de Notícias", do Porto, as palavras concludentes de um dos redactores deste, reputado jornalista. aliás, dando por finda a polémica travada à volta de um poema aparecido nesta mesma Antologia, nos quais avulta, pela demasiada desenvoltura, a tristeza daquele pelo "estado em que está a nossa juventude", (palavras suas). Eu não sei o estado em que estará aquele senhor ou o de qualquer das pessoas movidas pelo espírito de humilhar a última geração de cidadãos portugueses, mas não resistirei à tentação de sobre a matéria, remeter os leitores a Jean-Louis Bédouin que, pela legenda acima citada, prova bem, ter as suas maquietas preparadas!

Contudo, volto a informar que, não estou, não estamos de algum modo, implicados nos problemas da juventude. Membros desta classe de indivíduos, só por coincidência no tempo aqui poderemos ser incorporados. Tornam-se pois, agora e para sempre, impróprias, certas objecções, que por confusão e ignorância nos foram indevidamente dirigidas, a nós, (a mim, ou a qualquer dos meus camaradas) que ignorantes da legislação dos povos, não prestamos documentos de identificação. Os poetas têm a idade de todos os séculos do mundo!

Para as especulações que haveria a fazer não temos nós espaço. Pondo em cheque uma geração obrigar-se-iam os seus críticos a depôr em favor das suas alegações. Nesta linha, teríamos de saber onde estão as investigações que permitem tornar exemplar uma ética de comportamento das gerações anteriores ou, para melhor dizer, das pessoas que não são de hoje. Eu não sei mesmo se em matéria religiosa haverá uma diferença abismal. É isto porque, em troca de pequenas remunerações, se vulgarizou a transacção da alma... Podemos, basta-nos, relancear o olhar pelo desajustamento do artista, a falta de respeito pelo trabalho intelectual, etc. Realmente, enquanto que a materialização das criaturas atingiu uma tal intensidade dramática que já não poupa a consciência e a imaginação, quero dizer, enquanto que a maioria das criaturas se recusa a viver pensando, as minorias sofrem o influxo dos que se querem servir em vez de servir, dos traidores à Liberdade e ao Amor.

De facto, não raro, o escritor português condenado à triste condição de dilettante, substitui o espírito analítico por um sentimento de pudor, aliás, justificadíssimo, de quem se não quer arriscar para sempre à intranquilidade que esta atmosfera de mundo-marginal lhe moveria implacavelmente. *Sobrevente*, arrastando as grilhetas do quotidiano, vergastado por todas as intempéries, o homem Culto, a Pessoa, votado

ao exilamento na sociedade de sub-pessoas (é aqui que os intelectuais da "esquerda" abraçam os intelectuais que passam à "direita") assistente - apinhado de surpresa - aos grandes e pequenos interesses, encontra-se, em verdade, entregue a um Destino cruel e hostil no mundo esclavagista e esclavagizado.

Assim, perante a massa das criaturas que "nascem, sofrem, morrem" um único pavilhão nos importa manter arvorado representando o património que o homem conquistou ao território da cupidéz e da brutalidade. Sustentado por um admirável acaso, informam-nos alguns intelectuais ser problemática a sua manutenção. Por nós, receados ou não deste perigo, compete-nos, porém, afirmar a nossa dívida de gratidão e a nossa aliança aos que exigem a cessação da iniquidade, os que, afinal, sustentando os valores humanos ESQUECIDOS, DESPROTEGIDOS E HUMILHADOS (Jaime Cortesão) desafiam obstinada e corajosamente, como franco-atiradores, os crucificadores de Cristo e os caluniadores de Maomé.

R-tomerei por onde havia começado. Em nota introdutória, publicada neste mesmo lugar, havia eu aflorado a posição que, para os meus camaradas e para mim, deveria ocupar no mundo a Poesia. Não foi de-b-ide. Realmente, a Crítica provou que a matéria não estava assimilada, apesar de Jarry e apesar de Camões.

Referi-me então a "poetas sem compromisso", o que para Alfredo Margarido significa exactamente o sacro em que estão metidos todos os poetas portugueses. Também Palma - Ferreira, com grande surpresa minha, quis fazer o favor de me passar o magnífico diploma de "iconoclasta".

Muito curiosamente, revela-se que, dando crédito a tais afirmações, não existe uma poesia válida, porque os seus factores não estão comprometidos com a própria obra e, melhor, exigir um tal comportamento, isto é responsabilidade naquilo que se escreve, só pode significar duas cousas: ou que se esqueceu a conjuntura sócio-política europeia, ou então, se é, invariavelmente, "iconoclasta"!

Não penso eu assim, apesar da minha "iconoclasia". Continuo a entender, por bem, que, para além da aquisição de uma técnica poética, em todo o mundo existem homens que lutam desesperadamente para serem Livres, escrevendo com o coração e comportando-se como Individualidades. Destes, de quem fala a Tradição da Poesia, destes, em quem creio devotadamente (como "iconoclasta") os únicos, me tive de servir como padrão.

Sem concederem lugar aos poetas na nossa sociedade, demasiadamente descrentes, aqueles dois jovens críticos, (e posso dizer-lo agora com autoridade, na uma nova luz, aquela que os homens sabedores nunca quiseram refutar) eis que nos aparecem dando provas, inesperadamente, da iconoclasia - a única que existe.

Não gostaria de cair no provincianismo de responder à Crítica, mas não posso ainda deixar de assinalar a homenagem que João Gaspar Simões presta à "lucidez da visão dos moços da Pirâmide" e, noutros passo à referência de hermetismo e "confusão" que também nos atribui. A "confusão" seria só para esquecer ou ignorar de que "certos povos quando se orgulham do passado só têm para se orgulhar quatro séculos de sangue, de suor e lágrimas..." (Ref. G. M. T. A.)

Sei até que pontos são graves as objecções de João Gaspar Simões que, parecendo rondar mais uma vez, à volta da "igreja nacional surrealista", cenáculo do "movimento surrealista" em Portugal, têm a qualidade de se dirigirem aos próprios limites da actividade intelectual.

O hermetismo, afinal já denunciado como linguagem e filosofia burguesa pela tentativa de limitar o "saber" a alguns, repudiamos-lo. Mas não basta. Faço daqui novo ponto de partida e tomando a isenção crítica de J. Gaspar Simões, - número referido desta antologia - entendo necessariamente, no reconhecimento da razoabilidade das suas afirmações, discutir a "má consciência da juventude, como diria Jean-Paul Sartre, que, proclamando-se poética antes de mais nada e antes de mais nada estéticamente reconhece, implicitamente, que essa proclamação a ser clara e inequívoca, desencadearia contra ela os reflexos de uma sociedade que neste momento tem coisas "mais sérias" em que pensar, eis o que compete e quase constrange a "alienar-se" da realidade, a esconder-se por detrás de um biombo de ideias que, quando não é francamente ambíguo procura ser o mais possível cósmico - tal como se contém na referida crítica, onde aliás se verifica o tal "biombo de ideias" a cuja ambiguidade também o crítico se não furta, que, depois de dizer que na "Presença" "houve antes de mais nada orgulho consciente e proclamado do destino da arte e da poesia", afirma que a "Pirâmide" se encontra mais segura ao lado (de "Orpheu") contra o mundo hostil que a rodeia e a que não tem a coragem de dizer com a franqueza, a clareza e lucidez com que o fez o segundo desses movimentos (a "Presença"): que aquilo que a compete, aquilo que a apaixonou, aquilo para que vive e porque é mesmo capaz de morrer - é a Arte, é a Poesia, é a Beleza".

Ora, também não é aqui onde se vislumbra o caminho do supremo nó-górdio onde creio ser imperativo cavar uma abertura, encontrar-lhe uma chave.

Talvez que "quatro séculos de lágrimas" sejam importantes, talvez...

Reconsidere-se, O "Orpheu" quer a poesia. A "Presença" insiste na Poesia. A "Pirâmide" prefere a Poesia. Se este é o fluído de uma actuação a cuja defesa afinal se propõem os jovens de 1914, os de 1927 e os de 1959, onde se encontra pois o pomo da discórdia? É que, realmente, aquilo que existe de capital - para nós, atentos a uma revalorização - esconde-se nas palavras. Poesia. Poesia-biombo, afinal para todos nós... Que quer dizer Poesia nos

anos de 1915? E a sua meta nos anos de 1927? Que valor atribuímos, nós, a essa palavra mágica? Até que ponto um destino poético é ele Destino Poético, isto é, integral e actuante? São assuas implicações que falta definir. Quanto ao resto, e muito comovidamente, poetas somos todos.

Engana-se J. Gaspar Simões - e isso é evidente - quando nos acusa de uma falta de coragem naquilo onde, de facto, existe a nossa única possibilidade de vida, a porta de evasão - o Sonho. E é por ser isso o limite da nossa capacidade, que nós, incapazes de lutar pelo conhecido, estamos dispostos a vencer, ultrapassando todos os limites, derrubando as grades dos portões de todo o mundo (é E. O'Neill que fala) para lá do Universo que nos confina.

Até que ponto é possível a definição dum homem no mundo e para com o mundo? Fundamentalmente, enfrentamos um problema que não pode deixar de ser individual.

"D'où venons-nous? Que sommes-nous? Où allons-nous?" - aparece-nos com A. Breton em 1952, na Radiodifusão Francesa, nas intervenções de J. L. B. e P. Demarne. Esta solicitação é de facto, imperativa e inadiável. Ou "allions-nous?" - em 1952, agora e antes de Cristo. Por nós, depois de tudo quanto foi dito, declarada a nossa aliança àqueles que se vêm alinhados pela soberania da Razão e concomitantemente o respeito pela dignidade da Pessoa, resta-nos, mais modestamente repetir: "Ah, Mas então a Pirâmide diz coisas?" E aqui temos como nossa resposta peremptória do poeta: SIM, MEU AMOR A PIRÂMIDE DIZ MUITÍSSIMAS COISAS. A Pirâmide é Fé, a Fé que trazemos, trouxemos, hoje, ontem, em todos os tempos, os colaboradores da PIRÂMIDE - A PIRÂMIDE COSMICA, reduto intransponível do Amor. E esta é Aquilo a que chamaremos o Farol do Mundo, a Religião do Conhecimento - Homero, Dante, Hölderlin - perante a qual somos religiosos professos, os únicos crentes, e nós, tradicionalistas, porque a tradição é o Espírito.

Na morte, uns morrem e outros vivem.

Máximo Lisboa

2.º AVISO AOS DISTRAÍDOS

PIRÂMIDE ao publicar a tradução do texto de H. Levêsque, recomenda a sua leitura às seguintes personalidades:

Natália Correia, Luís Pacheco, Manuel de Lima, Mário Cesariny de Vasconcelos, Virgílio Martinho e Pedro Oom.

COLEÇÃO PIRAMIDE (a iniciar brevemente)

SEXO-TOTEM (poemas) - Renato Ribeiro

SCORPIUS (Textos de Magia Branca) - Manuel de Castro

ARCANO SOLAR e outros poemas - Carlos Loures

SUBSÍDIOS PARA A HISTÓRIA DA CIVILIZAÇÃO DO OCIDENTE - Máximo Lisboa

O ESPANTA-PARDAIS (Teatro infantil) - Maria Rosa Colaço

Noite Vazia

Crescimento de silêncio a devorar as
[núvens.
Voo incansável e monótono das aves
[brancas do cérebro.
Florida e ondulada suspensão de mágoa.
As ferocidades são ternuras desmaiando
[na estepe adivinhada,
O amor abre goelas bocejantes nos con-
[câvos da ausência do espaço,
e a morte espreitando a lentidão
irradia baçamente a sua despedida.

Noite Vazia

As aves brancas do cérebro
inútilmente abatem as suas asas!

1934

O Segredo e o Mistério

Mistérios a pouco e pouco vão morrendo
e extenuados de vigília os anjos
são afinal as sussurrantes sibilinas vozes
que desvendam adivinham segredos
atrás de sentinelas
cuja ferocidade é uma ironia da ternura...
Na palidez da luz
cercando uma velha cabeça
a quem um sono de embrião já tolda os
[olhos
sorriem enigmáticos os sonhos.

1955

Horas

Gelava o tempo branco do relógio.
Fundiu-se um dia o mostrador
aberto para dentro
num foco por onde as horas negras fugi-
[ram enlouquecidas!

Lá para longê na faixa rósea da distância
recuaram ante o incessante alarido dos
[sinos

e logo regressaram
desesperadamente procurando em vão
o maquinismo do relógio.

Via-se o dia fechado de silêncio
num quadrado de luz amarelada
e de novo preso o pé do jovem
quando ia para sair...

Lisboa, 1934

Sepultura aérea

Ali os reptéis cobriam sem deixar espaço
as árvores os caminhos e os montes.

Foi então que a ave negra inquieta e en-
[joadá
abandonou a aldeia dos reptéis para sem-
[pre.

Ei-la chegada a um ponto extremo.
Porém não tem onde pousar.
Em frente é a baía mágica dos vulcões
[em actividade.
Em cima o céu com a sua ausência.
Em baixo o mar como seu fundo.
A passagem de todos os limites
a escuridão sem nome e vida ignota.
em todas as direcções mais que atraída
A ave negra fica no ar parada e ali jaz.

1934

Nocturno

Ao meio do canal submarino
a luz cegante é um anjo.
A suspensão do voo ampara...
Que fluido pelos circulos luminosos para-
[dos, correrá?
O sorriso escancarado da esfinge mer-
[gulhadora
vai mostrando, distante, a galeria óssea
que deita
para as ameias dum castelo com um de-
[serto sem fim na rectaguarda.
Sentinelas de sangue esperam sempre a
sombra e a morte cobertas de ervas secas.
Na atracção do fundo,
aos pés da escadaria do escuro,
jaz a princesa, de verde, adormecida...

1934

Dia

...com um peso de cegueira a esmagar-
-me o cérebro,
faca queimada pelo vento contra,
e trôpego dos passos que venci em vão,
atinjo a hora convencional da noite
em que não há descanso já
pois o sono é vazio de si mesmo
e mais que nunca durmo só por fora.

Desperto?

Passou um dia? Um ano?

É cinzenta de chumbo a claridade

É cinzenta de chumbo a escuridão.

No tempo que não para
este minuto de Hoje Aqui
quanto espaço nos rouba no futuro?

1950

Edmundo de Bettencourt



**NOTA
SOBRE OS
'POEMAS
SURDOS'**

Colocado o leitor perante esta meia dúzia de poemas, talvez esteja perante a revelação de um mundo poético estranho, já que o nome do seu autor aparece sempre referido a algo de pretérito, que é sempre a sua actividade na "presença" e sobretudo, a cisão que com Branquinho da Fonseca e Miguel Torga abriu no corpo daquela revista. "O Momento e a Legenda" é o seu único livro publicado, nos anos já longínquos de 1930. Não falaremos dele aqui, porquanto se tornou uma raridade bibliográfica e não será fácil consultá-lo, embora na verdade, exista entre ele e estes poemas de agora um conjunto de nexos de primordial importância. Por outro lado, e como será conveniente dizer deve esclarecer-se que o silêncio de Edmundo de Bettencourt não é uma desistência, mas sim uma peculiar forma de revolta, que o poeta defende carinhosamente. Afinal a existência, do poeta vem bater contra as paredes desta sangüínea tão pelicular, para dar um sentido não somente à sua posição literária, mas de um modo mais lato, à sua presença no mundo.

Esse mesmo sentido pode ser rasteado em quase todos estes poemas, como iremos ver. Efectivamente, nas "Horas", Bettencourt desenha-nos um espaço físico muito típico da sua poesia, descrevendo os objectos como peculiaridades cromáticas de pintor (tempo branco, horas negras, faixa rósea de distância, luz amarelada, ave negra, aves brancas, círculos luminosos, ao mesmo tempo que o tempo o preocupa com uma insistência quase agónica. O que Bettencourt tenta alcançar nestes poemas é insistentemente, a aniquilação do tempo, a criação de um espaço próprio onde o poeta e a poesia possam caminhar alheios a qualquer constricção: "gelava o tempo branco do relógio, Fundiu-se o mostrador / aberto para dentro / num foco onde as horas negras fugiram enlouquecidas! Continuando este poema encontramos, em "sepultura aérea", a ave negra que chega" a um ponto extremo, no qual, também, a ausência do tempo confirmará a extinção de qualquer noção de espaço: "à passagem de todos os limites / a escuridão sem nome e a vida ignota". Poderemos dizer que isso se deve a uma fundamental hesitação, como no-lo parecem deixar entender

*Huris de um sonho - virgens prometidas!
Desçam comigo aos infernos rubros
Entre rituais de fogo e lúcidas toucuras,
E bailemos a dança do ventre
Até ao deboche roxo
Onde os sons se plasmam em formas luminosas
E vivemos sem objectivo
Demonicamente
Como deuses perversos cinzelados em carne...*

TROUPE-EXÓTICA

*Pagãs e nuas as quatro virgens negras
Bailam a lenda da noite.
O santo-coreógrafo bate as palmas
E segue com olhar o movimento dos corpos
Que são de ébano
E lembram estátuas volantes.*

*Nervosamente
Uma voz distante
Repete sem cessar: Atô! atô! atô!
(É o empresário do grande music-hall
A contratar-nos para o festival do sexo).*

*- Eoohe! grita o demônio bailador
E prega sem querer uma cornada no teto.
- Estamos saltos! murmura o santo
E queda-se sem fôlego
Medindo a grandeza do pecado
- Hurra! ululam em coro as quatro virgens-bruxas*

*.....
E vamos beber cerveja ao bar da esquina
E regressamos depois todos bebidos
Como fantoches obscenos.*

Renato Ribeiro

estes seus versos: "em todas direcções mais que atraída / a ave negra fica no ar parada e ali jaz"? Mas já no poema seguinte esta atracção é vencida, e o que nos surge é o crescimento do silêncio a devorar as nuvens". Assim é criada uma noite total, exemplar e definitiva onde as aves brancas do cérebro inutilmente abatem suas asas!" É esta noção interior de existência do homem, a supremacia da consciência, que nos volta a surgir nos versos de 1930: "... com um peso de cegueiras a esmagar-me o cérebro". Aliás esse mesmo sentido se nos volta a impor, insistente e trágico, naquelas perguntas: "Desperto? / Passou um dia? Um ano".

Que dizer deste mundo peculiar senão que reflete ele um estado de consciência que procura no alheamento voluntário, o exame de uma circunstância vincadamente portuguesa? Dentro de um sentido messiânico que afinal, tem sido o do nosso tempo, a poesia de Edmundo de Bettencourt recusa-se a qualquer encontro pré-determinado, procurando antes, no enquistamento total do seu tempo, o involúcro que condiciona todo o desenvolvimento da larva, impedindo-a de alcançar o estado de insecto perfeito. Aparentemente amputada de uma parte do conhecimento real, procura esta poesia dominar a imperfeição do que é já agora e do que virá a ser no futuro, cobrindo-o com o amplo manto do sonho, embora isso não evite as perguntas angustiadas, que sempre assim foram as perguntas dos que se perdem (e encontram) nas grandes estradas nocturnas do sonho.

Alfredo Margarido

ALFRED

Alfred Jarry nasceu em 8 de Setembro de 1873, sob o signo da Virgem, e morreu em 1 de Novembro de 1907.

O doloroso percurso dos seus 34 anos, medidos entre o berço de Laval e o cemitério de Bagneux, foi uma constante afronta a todas as convenções burguesas.

Legou-nos uma magnífica obra, em que avultam os livros «Les minutes de sable mémorial», «César—Antechrist», «Ubu Roi», «L'Amour en visites», «L'Amour absolu», «Mes-saline» e «Le Surmale».

Jacques H. Levesque no seu livro sobre Jarry, editado por Pierre Seghers apresenta-nos com extraordinária lucidez, a lendária figura do poeta para quem a Poesia e a vida estavam indestrutivelmente enlaçadas.

Cedemos-lhe a palavra.



“Merdre” — é por esta palavra de seis letras que começa Ubu-Roi, e parece que nenhuma outra poderia melhor convir para começar um livro sobre o seu autor: Alfred Jarry.

Esta palavra, que ele empregou frequentemente, sintetiza, com efeito, melhor que qualquer outra, o sentido profundo da sua atitude e da sua obra, e, se dela se serviu tantas vezes, depois de a ter recreado, diga-se assim, para seu uso pessoal, pela adjução da letra r, e porque, emanada da sua consciência, ela exprime, da maneira mais eficiente e mais imediata, a revolta de todo o seu ser perante a estupidez, a falta de dignidade e a hipocrisia.

Eis porque, no começo de um livro onde tremos falar sobretudo de poesia, n'os permitimos pedir-lhe esta palavra emprestada para dizer, em seu nome, a toda uma categoria de

individuos dos quais é necessário primeiro do que tudo libertarmo-nos: a dos falsos poetas; queremos dizer, dos homens que pretendem fazer-se passar por aquilo que não são e que se aproveitam da confusão que criam para se aularem duma falsa grandeza.

Com a caneta na mão, todos se podem crer poetas, e sem muita dificuldade, fazê-lo acreditar aos outros que, na maior parte das vezes, não pretendem outra coisa. Se é tão fácil com um pouco de gosto e graça e com aquele dom de imitação, tão espalhado, de escrever no género e no estilo “que convêm” e de apresentar

qualquer coisa que iluda — é muito menos agradável levar uma existência de poeta, pôr a poesia primeiro que tudo na vida, como fizeram Nerval, Baudelaire, Lautréamont, Rimbaud, Jarry.

E portanto, aos olhos daqueles para quem, “a arte” e “a literatura” perderam o seu prestígio convencional, está primeiro e antes de tudo o grande critério: aquele onde não é quase possível trapacear. Depois, nada mais natural que exigir ao poeta que nos dê a prova da sua sinceridade. Se ele fala da vida, da morte, do desespero, da revolta, do amor, da aventura, não será normal querer que ele coloque alguma realidade sob estas palavras? Senão, estas grandes palavras não são mais que “apanha-tolos” uma “moeda-falsa” para comprar a estima e admiração dos contemporâneos que se engana — e talvez para ferar de si próprio uma ideia elogiosa. E isto que nós vemos todos os dias. Mas nós vemos também que na nossa época, e para alguns de nós, o conceito de poesia pura não tem grande significado. É preciso mais do que palavras, mesmo que sejam as mais comovedoras, as mais “escolhidas”, as mais grandiosas do mundo. Então considerado sob este ângulo, o número de candidatos à lista de grande poeta diminui. Pode-se falar de viver, de morrer, de amar, de conhecer, mas fazer dessas palavras a realidade da sua vida, é diferente. Querê-lo, além disso, será inútil se não se está marcado pelo signo.

Eis-nos no limiar das coisas essenciais, e para além mesmo, interditas, na orla do insólito, no limite do permitido. Porque viver, amar, conhecer, intensamente, totalmente, sem regresso, isso não se perdoa. Para isso é preciso um heroísmo que por mais espantoso que possa parecer, não é se não outro que o das figuras

J A R R Y

Rodolfo Alonso nasceu em Buenos Aires em 1934. Colabora desde muito jovem em numerosas publicações, argentinas e estrangeiras. Figura preponderante do grupo editor da revista «Poesía Buenos Aires» (1952), tem publicados os seguintes livros de poemas: «Salud o nada», «Buenos vientos», «El músico en la máquina», «Duro mundo», «El jardín de aclimatación» e «Gran Bebé». Antologias de poemas seus surgirão, ainda este ano, na Venezuela («Los ojos de América») e na Bélgica («Poèmes»).

HIROSHIMA MON AMOUR

una mujer descende envuelta en desesperado orgullo del aire de su casa
como hija de la lástima feroz de la furia pequeña provincial
el mundo contento arde quieto a su alrededor
canta en el interior de esa mujer el mundo como una boca de fuego.

un hombre lejano la contempla con ojos de desesperado amor
ese hombre es otros hombres es el mismo amor cantando para sobrevivir
el mundo contento arde veloz a su alrededor
canta en el interior de ese hombre el mundo como una boca de fuego

cuando la palabra amor no tenga necesidad de ser pronunciada
amor en todos los cuerpos desesperados ardiendo tranquilos
el mundo contento como una boca de fuego
una mujer y un hombre lentamente a su alrededor

Buenos Aires, 1960

Rodolfo Alonso

lendárias. Únicamente os seres em chamas podem atravessar o fogo sem parecer imediatamente. Estes privilegiados do desastre acabam por se consumir de coração dos incêndios que fizeram nascer sob os seus passos, tão ardentes eram estes, mas o que eles vêm de desconhecido e indizível no clarão destas catástrofes gigantes e vividas permanece para eles como único realidade, e o reflexo que nos chega, pelo seu testemunho ilumina por longos anos o universo de trevas em que nos debatemos.

Gérard de Nerval morreu aos quarenta oito anos, enforcado, na rua Vieille — Lanterne, mas antes atravessou o labirinto dos sonhos e da loucura e fez-nos conhecê-lo; Baudelaire, aos quarenta e cinco anos, mergulha lentamente na morte, paralizado e afásico, mas reencontrou e viveu o sentido das "correspondências": Lautreamont desaparece aos vinte e quatro anos, depois de uma existência estranhamente misteriosa, mas a torrente de imagens alucinantes que lançou no mundo continuam sempre o seu delirante curso; Rimbaud disse positivamente "merda" à poesia, para morrer no regresso do Harrar, amputado de uma perna, aos trinta e sete anos, mas a sua voz e o seu silêncio "iluminam" o mundo novo. Nesta luz, a vida revoltada, espectacular e paradoxal de Alfred Jarry — o que se lhe pode chamar "exteriormente" as suas excentricidades — testemunha do seu gosto "interior" e irreduzível do absoluto, e fica, para aqueles que pecam à poesia mais do que palavras incontestavelmente exemplar.

* * *

1875 — 1907. Uma vida de trinta e quatro anos tão plena, e, à sua maneira, tão exemplar, que, enquanto houver homens que tenham o sentido da poesia, o nome de Alfred Jarry lhes será querido. Muitos daqueles que estavam à boca de cena, durante a sua breve existência, entraram, eles e as suas obras, no esquecimento definitivo, enquanto que a sua obra e a sua vida, a ele, grande extravagante, não pararam de o agigantar na admiração dos seres que têm o gosto da liberdade e que sabem o preço da revolta. Porque ele viveu intensamente a sua poesia, e durante toda a sua existência teve a coragem de resistir a todas as cobardias e a todos os compromissos, pode avançar muito longe no coração da realidade: porque, com efeito, não procurava outra coisa, e, se permaneceu como grande precursor do espírito poético de hoje é porque em primeiro lugar, foi um perfeito modelo para todos os que recusando aquiescer ao reino da estupidez, tiveram a força de seguir o seu exemplo e de lançar à face dos cobardes e dos tolos o magnífico grito de desafio que a sua consciência revoltada maravilhosamente revivificou, a sua famosa palavra de seis letras a retumbante e legítima "Merdre".

Jacques-Henry Lèvesque

POESIA JUGULADA

Austera e indecisa vocação
da minha maneira ímpia e inadequada
de cantar coisas vãs e alheias...

Inquieta e frouxa e jugulada
poesia consentida e poeirenta
— letargo sonolento, gesto
libertado, gratuito e meu.

Jogo jogado
no limiar das frustrações
sob a iníqua dignidade
de tiranos
que dominam gentes
obedientes e covardes...

Anúncio oscilado e pequenino...
que libertação, se a há,
me prometes?

Tu, a poesia jugulada
— e minha...?

PAGAMENTO PONTUAL

Porque súbitamente
disseste (ou disseram)
a última palavra do negócio
eu fiquei realmente
quite (ou quieto)
na última suspensão do abismo.
(A vida sorriu
alarvamente
compreendendo tudo
defeituosamente)

VIAGEM

Nada é tudo
o mundo longo
Em viagem
busco
o teu regaço
e o meu braço

*Por absoluta falta de espaço não publicamos neste número a notícia que havíamos prometido a muitos dos nossos leitores com a qual se documenta e se explica a «fêzada» ou «fêzadas» * de Luis Pacheco.*

* O termo e a atribuição é de António Maria Lisboa.

NOTAS PARA POESIA

No período e no episódio medíocres decorrentes temos de rever o processo da nossa herança.

Esta lingua necessita construtores. Depurar: afirmar em força a impureza (a dignidade média dos seres sociais ou anti-sociais).

No sentido deste esforço são inolvidáveis OS MORTOS.

A luta fantástica, porém, estabeleceu-se e continua. Consomem-se e extinguem-se alguns Homens. Estava no entanto previsto — não é impunemente que se escolhe a vida.

Esta é uma humanidade em trânsito inconsequente com o seu pecado original: a inversão dos membros.

Não existem valores para alguém do espírito; os que se apresentam na época como válidos são os subvertidos, degradados.

Particularmente no que se refere às realizações de carácter artístico, as de maior nível são literárias (no significado «típico» de literatura).

A reafirmação destes quaselugares comuns começa a tomar importância quando reconhecemos que grande contribuição para a dispersão e envilecimento dos valores do espírito tem sido a dos poetas contemporâneos; não apenas através das suas obras, cuja influência da flutuação desses valores é limitada, mas na imposição de um modo de convivência que, esse, é, no pior sentido, «literário».

Ora a literatura só começa a nomear-se assim quando as suas qualidades vitais da participação imediata na existência se encontram atenuadas ou completamente anuladas.

Aceite-se a amplificação da palavra poesia, à qual habitualmente se atribui o significado relativo a um tipo de produção escrita ou de actividades artísticas, e a restrição da importância dessa mesma produção dentro da POESIA, como sendo apenas uma das formas de acção para adquirir POESIA; não permitindo quaisquer outros modos similares da cultura como fazendo parte dos únicos meios para *fixar* o estado poético de atenção.

Chamar poesia à existência no plano do espírito, individual e universal.

Requere-se a revisão total da linguagem (expressão-convivência), dos mitos que a enformam, e o regresso purificado à TRADIÇÃO. Tradição em que a qualidade mítica nela residente não seja desvirtuada pelo conhecimento circunstancial ou lógico; mas tradição «pela verificação ritual no estilo de vida (poesia) dessa qualidade».

Introduzir no quotidiano a atenção do sagrado é o objectivo proposto; a contribuição da poesia-produção-artística será um dos módulos dessa actividade mágica, e não o fim dela.

É evidente que a vaidade pessoal ou grupal nada tem aqui a fazer — e é necessário desfazermos-nos dessa condição de mesquinhez; e proceder em relação ao ambiente circundante de literatos e eruditos de almanaque como se inexistente.

Ao tentar realizar uma nova classificação de valores corre-se o risco de incorrer nos métodos viciados da pseudo-lógica científica, criação ocidental de menor valia, cuja posse deve ser utilizada com extremo cuidado e apenas quando vai facilitar o conhecimento real.

Só podem negar-se as regras que se compreendem. Destruí-las, pois, é conhece-las primeiro.

Mas a atitude perante elas será antecipadamente de suspeita e também perante qualquer manifestação civilizacional — por causa da putrefacção evidente.

No meio não está virtude alguma.

E, onde tudo é permitido, só é permitido tudo àqueles que a tudo se podem permitir.

Angel Crespo, o grande poeta castelhana, por ser sobejamente conhecido entre nós, torna-nos impossível apresentá-lo.

Llorenç Vidal, jóvem poeta maiorquino, director da revista W. Ponent, de Palma de Maiorca, defensor das tradições linguísticas e culturais das Baleares, tem publicados os livros de poemas «5 Meditaciones existenciales» e «El cant de la balalaika».

Llorenç Vidal

Angel Crespo

A Q U Í

Jo som una creu de terme
plantada de fa molts anys:
sé que aquí comença el poble,
sé que aquí comença el camp.
Som un arbre sense fruita,
indifinit en l'afany,
colrat, ja, per una angúnia
de viure entre pols i fang.
Ham vengut moltes anyades,
s'han fet homes els infants,
el poble creix i madureu
els raïms en els parrals.
Tot flueix, arreu de vida
sangloten plenes les mans...
... Sols jo som la creu de terme,
plantada i sense mudar,
corsecat per una angouxa
de no ser poble ni camp.

A Q U I

(versão portuguesa de
Manuel de Seabra)

Sou um marco
plantado há muitos anos:
Sei que aqui começa a vila
Sei que aqui começa o campo.
Sou uma árvore sem frutos
indefinida no afã,
cansada já, por uma angústia
de viver entre pó e lama.
Muitas colheitas passaram,
crianças homens estão
a vila cresce e nas vinhas
amadurecem as uvas.
Tudo passa, por toda a vida
soluçam cheias as mãos...
... Só eu sou o marco,
imóvel para sempre,
seco por uma angústia
de não ser vila nem campo.

VOÍME YENDO

Voy por el campo, voy cortando,
voy sembrando, voy con mi luz;
corto una flor de jara, leo en ella
los grandes miedos de la infancia
y me impregno los dedos de flor
de jara, en ellos leo
toda la sangre que fluía
por encima de mis poemas;
piso una planta (con mi planta)
de grama, me detengo
para oír la voz de su ruina
que habla del hombre que cuidaba
y podaba los encinetes
y yo ignoraba el que era pobre
y sin embargo andaba mucho;
tomo una almendra del almendro
silvestre, y en mi boca,
su amargor me cuenta del cuervo
que asesinó por un capricho;
troncho la blanca gamonita
y huelo en ella mi pasado:
tiene un aroma de hombre solo
que se encontró de pronto al hombre
tiene un olor de sorda espera
que enriquecieron las palabras;
corto una vara de un olivo
de junto al tronco, tiene terra
donde es más grueso, este verdugo -,
con el azoto de mis piernas
la parsimonia que antes tuve.

Voy caminando siembro meses,
años y siembras de esperanza.
Voy por el campo, voíme yiendo
hacia un país que no abandono
— campo de carne y de palabras
que ya barrunto mientras tanto.

AOS LADRÕES DE FOGO

POESIA, SURREALISMO, CONTRÔLE

Donc le poète est vraiment voleur de feu. **A. Rimbaud**

De costas voltadas à magnífica estrada espiritual, indiferentes aos apelos que a percorrem, imersos nas sombras dos jazigos intelectuais, viciados no ópio da intriga literária, vamos encontrar grande maioria dos poetas.

Esquecidos que não é impunemente que se escreve Poesia, esquecidos do inadiável compromisso criado em relação às palavras, prosseguem a sua rota de *arte-pela-arte*.

No escabroso percurso que inexoravelmente nos conduz ao fim, em que a frustração substitue todas as metas a que nos propomos, a morte, tragédia máxima da espécie, determina o desesperado desejo duma sobrevivência histórica, que só por si e num plano puramente animal, pode justificar uma vida entregue à arte. Todavia, para lá duma permanência do passado e duma sequência *além-tumular*, está uma necessária integração no tempo, uma urgente consciencialização dos seus mais graves problemas.

Ao Homem-Poeta exige-se uma presença activa, como pedra básica da sua atitude espiritual, uma disponibilidade atenta como prova da verdade dos seus versos.

A Poesia não é um pedestal, é um doloroso estigma. Quem o esqueça só fraudulentamente se pode intitular Poeta, e não transcende senão dentro dos limites restritos das concepções burguesas, o camponês analfabeto, que árduamente, dia a dia, conquista a morte.

No absurdo palco da nossa arte actual, o espectáculo passa-se ao nível da mais reles opereta, com os actores movendo-se exuberante e ridiculamente, procurando, através de todas as transigências da sua dignidade, ganhar, do modo mais fácil e menos honesto, os aplausos da plateia.

A nota pseudo-heróica é-nos dada por alguns rapazinhos, que com malcriada irreverência (a que chamam audácia), lutam desesperadamente pela conquista das tribunas, cujo poder os velhos charlatães das artes detêm ciosamente.

Diante do insólito, cumpre-nos perguntar quem estará depreciando mais o património espiritual: se um público medíocre, fabricado pelas limitações ambientais, coagido por elas à estupidez, à indignidade e à cobardia mental, se toda esta série de farsantes, que relegando para infimo plano os altos valores do pensamento, se debatem avidamente, numa absurda angariação de glória através da literatura.

* * *

Vêm estas considerações a propósito de alguns ataques que precisamente do campo destes «literatos» e «versejadores», se tem feito quer aos surrealistas, quer ao Surrealismo, quer, dum, modo geral, aos Poetas e à POESIA.

Confundindo precipitadamente *delírio* com *anarquia-mental*, *revolta* com *excentricidade*, *pureza* e *renúncia* com *depravação moral*, o Surrealismo é por estes senhores cómodamente classificado como irresponsável cabotinismo.

E passa-se adiante, *pois não há tempo a perder*.

Ora é justamente num capítulo de honestidade de propósitos de consciência isenta, e principalmente de *presença*, que o Surrealismo, através das suas actividades *extra-literárias*, (e só estas se podem integrar na essência do Movimento), se impõe como caminho entre a Poesia e as permanentes reivindicações do homem, entre o

Sonho e a edificação do Mundo Novo — *pois das muitas coisas com que tem a ver, tem a ver sobretudo com o amor do futuro.* (1)

Perante a terrível evolução duma mentalidade policéfala, conduzida no sentido de um psiquismo mecanizado, perante a quase geral aceitação duma razão convencional mesquinha, ritmada ao compasso das máquinas, impunha-se uma activa e violenta verberação.

A tremenda ameaça que em 1916, no «Cabaret-Voltaire», em Zurique, levou Tristan Tzara e os seus companheiros, numa lúcida explosão de loucura, a passar à acção, assume hoje diabólicas proporções. Um espantoso mecanicismo, aniquila sistemática e *pedagógicamente* os derradeiros resíduos do espontâneo *funcionamento real do pensamento*.

Esmagada pela ditadura social e política dessa imensa mercearia que é a América do Norte, a Europa observe agora sem protesto os microorganismos da infecção psíquica dos «yankees».

Uma pseudo-cultura emanada desse desagregado país mercantil, cuja ideologia não transcende a torpe conquista de mercados, exportada sob a forma de filmes, livros, revistas, discos, «caça-níqueis» — é trágicamente assimilada por um continente que mercê das suas raízes históricas, reivindica o lugar de vanguarda do Pensamento.

Uma mentalidade *fanaticamente utilitária*, é, como os automóveis, *standardizada* e expandida através de «slogans», e bem elaboradas campanhas publicitárias.

A apreçoada filantropia norte-americana para com a Velha Europa (decrépita Europa, quem eles dizer) é o involúcro com que nos é servida a humilhação.

Creemos ser a Revolução Surrealista um ímpar brado de alerta, chamando-nos a lutar pela salvação do pouco que ainda há para salvar, dando-nos a consciência de que a Europa *está a custar muito barato*.

O vírus do masoquismo, inoculado pelo Cristianismo no sistema de vida que lhe é inerente, determina nesta sociedade a constante antinomia — uma realidade mística e uma realidade humana. Pensamos ser esta cisão interna a responsável pela incoerente inconvicção do indivíduo frente à evolução dos factos, cujo sentido não pode apreender, cuja marcha é incapaz de comandar.

A transposição para um plano social, duma valoração inumana — baseada na *resignação*, na *escravização* dos impulsos vitais e na *humilhação*, anula a capacidade de acção das criaturas, pois que a negação do élan traduz-se pela negação do homem como factor cósmico.

O *contrôle* (2) que se pretende *exercer por toda a parte*, sobre as *coisas* e as *pessoas*, encontra na debilidade colectiva excelente meio de propagação.

As raízes esotéricas do Surrealismo, criam um forte espírito de oposição à razão e ao senso comuns. É além disso, justamente esta *furiosa mania de contrôle* (3) que ele pretende meter a ridículo.

No limiar da fantástica empresa, recordamos o grito de Rimbaud — *La poésie ne rythmera plus d'action, elle sera en avant*

Torna-se evidente a necessidade de a Poesia promover a desmitificação duma mentalidade milenária, que, enfermiça e anti-humana, se submerge rapidamente no lódo da cupidice e soçobra sem resistência ante um miserável jogo de «trusts».

Aos Poetas, detentores da mágica chave do Futuro, ladrões do sagrado fogo da Verdade, pede-se a implantação duma urgente antropolatria que possibilite um respeito absoluto pela integridade e pela dignidade do homem, e a satisfação das suas iminentes solicitações: o Amor, o Desejo, a Liberdade.

Esta é a maravilhosa aventura.

1 — Mário Cesariny de Vasconcelos.

2 — *Controlar* é verificar, conferir, fiscalizar, ver se tudo se passa conformemente ao *programa adoptado*, às *ordens dadas*, aos *princípios* admitidos.

O contrôle exerce-se por toda a parte; aplica-se às coisas e às pessoas.

Dr. Gonçalves da Silva in Noções de Contabilidade
(o sublinhado é nosso)

3 — É ela (a necessidade de industrialização) que deu lugar à furiosa mania de contrôle, e a principal glória do Surrealismo será tê-la denunciado.

A. Breton in «Lettre aux Voyantes

